

Entre espaços urbanos e digitais, ou o desdobramento da prática

Between urban and digital spaces, or the unfolding of practice

Vinicius de Moraes Netto

Professor adjunto, Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ - Brasil, e-mail: vnetto@vm.uff.br;
v1n1netto@yahoo.co.uk

Resumo

O presente trabalho discute a natureza dos espaços urbanos e digitais, e os modos como a prática social emerge e se bifurca entre a experiência concreta, histórica dos lugares da cidade, e a materialidade elusiva das redes digitais e telemáticas de comunicação. Analisa, também, as condições de produção da prática em um contexto de crescente presença de tecnologias de informação e comunicação – uma realidade sociotécnica marcada por propriedades como transpacialidade e mobilidade, multiplicidade e simultaneidade. Ao investigar as condições dessas materialidades distintas como inerentes à prática, o texto traz a proposição de um papel do espaço urbano potencialmente renovado por essa complexificação do mundo social. O trabalho sugere três pontos de *passagem* e *entrelace* desses espaços, ou de retorno da prática ao concreto: o significado, o corpo e a centralidade do sujeito e do lugar. Finalmente, propõe-se que, no desdobramento da prática em redes comunicativas de distintas materialidades, o espaço urbano tem cada vez mais se distanciando do seu papel original de meio material exclusivo da reprodução social para o de um entre outros meios. – contudo, com a incorporação de um novo papel ontológico: o de *contraponto fundamental à elusividade das redes transpaciais*.

Palavras-chave: Prática social. Espaço urbano. Ciberespaço. Redes telemáticas.

Abstract

This paper investigates the nature of urban and digital spaces, and how our practices emerge and unfold into the concrete spaces of the city and into networks of digital and mobile communication. Addressing the conditions of distinct materialities as inherent to practice, it proposes a renewed role of urban space in an increasingly complex social world. It suggests three instances of the coupling of materialities, or the return of practice into concrete spaces: meaning, the body, and the centrality of place and the acting subject. Finally, it proposes that the bifurcation of practice into different material systems of communication means that urbanized space is being progressively removed from its originally exclusive role in social reproduction to that of one among



other systems. However, it does so finding a new ontological role: the key counterpart to the elusiveness of transpatial networks of communication.

Keywords: *Practice. Urban space. Cyberspace. Telematic networks.*

Introdução

Em diferentes espaços

A ideia de “espaços e cidades digitais” – a sobreposição de uma rede de interações e informação aparentemente invisível, flutuante com a espacialidade historicamente concreta e durável de nossas cidades, a condição sensorial de nossa experiência até recentemente – capturou a imaginação contemporânea. A própria expressão “cidades digitais” evoca um encontro um tanto inusitado entre fenômenos aparentemente distintos – distintas materialidades. Estudiosos de diversas áreas têm sido atraídos por essa materialidade nova, que traz em si tremendo potencial de conexão a eventos e situações, pessoas e lugares, rompendo com a contiguidade do espaço geográfico. Ela toma a forma de tramas de hipertextos e trocas informacionais – e possibilidades de interação em níveis nunca vistos; uma trama capaz de ligar e comunicar extensivamente, o tempo todo, para além do imperativo da presença. De fato, esse tecido de materialidade intrigante e aspecto onipresente passa mesmo a significar conectividade sem fim. Tais espaços digitais parecem constituir ainda uma nova experiência espaço-temporal, em que as propriedades de *simultaneidade* e *multiplicidade* dos eventos no mundo são cada vez mais nítidas ao sujeito – e alcançáveis como nunca. Se a comunicação à distância não é um fenômeno novo (lembramos que vem desde o final do século XIX), ela certamente assumiu novas formas e enorme extensão, envolvendo nossas práticas cotidianas e dando a muitos a impressão de vivermos mesmo em uma espécie de “bravo mundo novo”¹ – uma “hipermodernidade” criadora de experiências de natureza e velocidade nunca antes sentidas. Entender o descerramento desse mundo fundado em novas bases materiais e uma cultura em franca aceleração tecnológica significa entender como o encontro

entre espaços urbanos e digitais emerge e impacta nossas práticas – nossos modos de atuar, experimentar e socializar em condições materiais alteradas. Interessantemente, a relação entre a concretude dos espaços urbanos e a elusividade do digital em nossas práticas parecia até recentemente uma contradição – uma síntese impossível –, como se o digital colocasse em cheque o concreto, em uma superação eletrônica e telemática do velho espaço, tornando-o obsoleto. Estava posto um dualismo destrutivo e, aparentemente, inexorável (VIRILIO, 1991; CASTELLS, 1996; CAIRNCROSS, 2001).

Como veremos brevemente abaixo, esse dualismo foi superado. Sabemos que não há cisão, como se temia por desconhecimento ou afã apocalíptico. Mas quais as condições dos entrelaces? A constatação de que não há contradição não suspende o problema fundamental das redes digitais e redes urbanas terem naturezas inteiramente distintas: a volatilidade, elusividade, invisibilidade de um; a tangibilidade, rigidez, presença constante de outro. Onde estão as passagens, os pontos de apoio entre “digital” e “concreto”? Como esses espaços envolvem a prática? Essas questões centrais no tema das cidades digitais endereçam o modo como essas duas supostas formas de “espaço” se relacionam; e, ainda, onde seu contato toca a prática humana e como afeta nossos modos de viver em sociedade, de associar nossos atos e experimentar suas continuidades e descontinuidades. Tais questões se referem à natureza desses espaços e à própria possibilidade de sua relação (que nos soa tão intrigante).

Certamente, mais que descrições de certos tipos da prática informacional realizada em meios digitais, faz-se necessária a descrição dos próprios *emaranhados de práticas bifurcando-se em diferentes materialidades*, ou como práticas se formam e desdobram nas redes urbanas e nas redes de interação eletrônica e telemática: os lugares concretos e eletrônicos onde emergem e de onde emanam, os pontos de passagem

¹ *Brave new world*, na versão original de Aldous Huxley (1932), ficção sobre um futuro distópico.

(*shifting*) entre esses espaços e os caminhos que neles tomam, os lugares onde incidem e, eventualmente, o retorno a seus lugares de origem na forma de respostas, reações, novas ações, interações continuadas. Definamos, assim, “prática” como atos de produção de objetos, signos e significados – na fala, textos, hipertextos – transmissíveis, compreensíveis e apropriáveis por outras pessoas, incluindo acordo ou discordância, omissão ou reflexão – e levando a novos atos.² A prática implica que “algo muda no mundo” (HABERMAS, 1984), a mutualidade do agir – portanto, o agir em um mundo socializado. Aqui, o desafio é entender práticas que se desenvolvem em tramas em espaços aparentemente distintos, com pontos de convergência e divergência entre si. Do ponto de vista da leitura da cidade digital como parte de uma realidade sociotécnica de crescente penetração e extensão, um *primeiro problema* é capturar a complexidade de tramas de práticas que se desdobram em dois tipos de redes ou espaços; em outras palavras, entender como nossas ações se desenrolam em interações e trocas, efeitos e produtos que se conectam e difundem, parte por meio do espaço urbano, parte em espaços eletrônicos e comunicações telemáticas. O *segundo problema* é entender quais as bases práticas e cognitivas de tais conexões e os fundamentos materiais e ontológicos que lhes dão possibilidade e substância. Se a descrição das tramas das práticas nessas condições materiais parece a princípio algo ou trivial (em face da sua naturalização na nossa experiência) ou impossível (diante de sua imensa complexidade e elusividade), a descrição do que mantém essas tramas juntas como *redes acopladas* é um objetivo que toca o contraintuitivo. Implica entender as condições de *possibilidade* da produção de tramas (comunicativas, técnicas) que moldam a realidade social e material, talvez assimétricas em suas extensões, presenças e expressões da prática. A primeira descrição se refere ao modo como atuamos imersos em dinâmicas espaciais e temporais que rompem mais e mais a associação profunda entre distância e tempo inerentes à constituição histórica da prática, e demandam alterações e atualizações constantes em nosso entendimento do mundo como se apresenta. A segunda toca as condições que garantem a integração dessas tramas e suas ramificações virtualmente infinitas.

O presente texto propõe tal reflexão, iniciando pela incursão nas naturezas dos espaços urbanos e digitais e seus papéis na produção de nossas práticas – sua *associação* e sua *socialização*. Em seguida, veremos como a prática emerge e bifurca entre dois espaços. O texto explora as condições do convívio naturalizado dessas materialidades como inerentes à prática. Sugere três pontos de *coupling* ou entrelace desses espaços e de retorno da prática ao concreto – o *significado*, o *corpo*, e a *centralidade do sujeito atuante e do lugar*. Traz a proposição de um papel do espaço urbano potencialmente renovado por tal crescente complexificação do mundo social. Finalmente, propõe que, no desdobramento atual da prática em redes comunicativas diversas, o espaço urbano tem cada vez mais se distanciado do seu papel original, como meio material exclusivo da estruturação social, para o de um entre outros meios materiais – contudo, com a incorporação de um novo papel ontológico: o de *contraponto fundamental à elusividade e parcialidade das redes de comunicação transpaciais*.

A natureza dos espaços concretos e dos espaços digitais

Uma infinidade de termos vem tentando capturar a intrigante materialidade das cidades digitais: o ciberespaço, “uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de cada computador no sistema humano” (GIBSON, 1991, p. 51), “a nova rede informacional ou matriz de computadores chamada ciberespaço [...] uma enorme megalópole sem centro” (BOYER, 1996, p. 14); a *cibercidade* (BOYER, 1996); a *infobahn*, a *cidade dos bits* ou a *Rede* – “A Rede nega a geometria. Ao passo que tem uma topologia definida de nós computacionais e radiantes avenidas de bits [...] ela é profundamente *aespacial* [...]. A rede é ambiente – nenhum lugar em particular e todos os lugares ao mesmo tempo” (MITCHELL, 1995, p. 8); a *cidade informacional* e o *espaço dos fluxos* (CASTELLS, 1996); a *pós-metrópole* (SOJA, 2000), as *unwired cities* (TOWNSEND, 2003) de redes de comunicação pós-massiva geradas pela tecnologia móvel e computação ubíqua e intrusiva (LEMOS, 2010). O ciberespaço e

² Desenho essa definição baseado nos conceitos de “ação social” em Weber (1968), “ação comunicativa” em Habermas (1984) e “comunicação” em Luhmann (1995).

seus variantes teóricos levariam mesmo à dissolução da cidade como a conhecemos:

o agente agregador que manteve essa intrincada estrutura coesa [a cidade] é a necessidade do contato face-a-face [...] proximidade a custosos equipamentos de processamento de informação, e acesso à informação encontrada em localizações centrais e apenas lá. Mas o desenvolvimento de uma capacidade computacional barata e largamente distribuída [...] e sistemas de telecomunicação têm enfraquecido tremendamente esses imperativos anteriores, de modo que pedaços da velha estrutura já começaram a soltar-se e reunir-se em novas formas de agregação (MITCHELL, 1995, p. 94)

Tal fato veio a ser chamado o *fim da geografia* (O'BRIEN, 1992), ou a *morte da distância* (CAIRNCROSS, 2001). Naturalmente, tais afirmações apocalípticas foram duramente contrapostas.

O que é memorável é o quão pouca crítica tais imagens – como a de ciberespaço – tem recebido [...]. Mesmo que elas sejam cheias de erros grosseiros: baseadas em um determinismo tecnológico que transfere constantemente características de máquinas para sujeitos [...] indiferentes ao constante trabalho necessário na mediação das telecomunicações instantâneas [...]. Mais seriamente, tais abordagens falham em entender o contínuo processo de ajustamento gradual das práticas, a adição de camadas culturais novas que negam a idéia de uma simples transmissão da tecnologia para o espaço (CRANG; THRIFT, 2000, p. 17, Tradução do autor).

Crang e Thrift endereçam questões ainda hoje recorrentes: estaria o espaço mudando sob o impacto de novas tecnologias? Estariam tais tecnologias mudando a relação da sociedade com seus espaços? Veremos a seguir que, a despeito da superação de dualismos, tais questões são ainda largamente respondidas por meio de reificações dos impactos de tais tecnologias sobre as configurações do espaço urbano e sobre sua experiência. Assim, ainda que não pretenda

conduzir uma genealogia do superado debate sobre a obsolescência dos espaços concretos urbanos por novas tecnologias da informação e comunicação – ao ponto da também recorrente reversão em defesa dos espaços concretos, da “*city of the coming golden age*” de Peter Hall (1998) ao recente *Triumph of the City* de Edward Glaeser (2010) –, buscarei entender como mudanças tecnológicas produzidas em uma nova economia informacional envolvem novas possibilidades da prática social, em formas de organização e interação. Sugerirei que na raiz de tais questões está o modo como as novas redes digitais impactam as possibilidades da prática humana e sua relação com o espaço.

O lugar do espaço concreto na associação da prática

O espaço, ao contrário do ciberespaço das tecnologias de informação e comunicação, é definido por sua abrangente rigidez: o que dá ao espaço artificial da arquitetura e da cidade sua percepção sensorial particular, e um lugar na linguagem – um nome. De fato, o espaço só pode ser definido como o oposto de um espaço ou éter abstrato. Ou melhor, o espaço só pode ser definido pela coexistência de “rigidez” e “éter,” dado que atuamos nos espaços vazios estruturados pela rigidez dos espaços visíveis; um éter que, mesmo adentrável, é feito resistente à mudança justamente por ser definido por rigidez. Em oposição a uma aparente ubiquidade das redes telemáticas e eletrônicas, em si elusivas, mas que dependem de aparatos de redes e nós físicos para sua geração, o espaço urbano é presença constante e crescente na prática humana.³ Mas se sua rigidez constitui a extensão física que separa na distância, por outro lado, ela liga e conecta sob forma de *estrutura* – redes de espaço articuladas sob forma de canais de movimento e conexão (ruas), ligando nós ativos (edificações), formando sistemas de acessos e atividades que permitem conectar nossas práticas. Cidades como redes de espaços e lugares têm uma topologia que mais do que ecoa aquela das páginas e “lugares eletrônicos”⁴ do tráfego multidirecional de bits.⁵ Assim, onde quer

³ *State of the World's Cities 2010/2011*, UN Habitat (veja <http://www.unhabitat.org/documents/SOWC10/R7.pdf>).

⁴ Lembro da expressão usada por André Lemos no evento “Lugares da Sociabilidade” (UFBA, 2010).

⁵ Retiradas a extensão das infraestruturas das redes de informação e comunicação que a suportam, a topologia dos lugares e fluxos do ciberespaço se assemelha tremendamente a da cidade (em discussão com Lilian Laranja).

que haja vida social, coletiva, há *estruturação* do espaço físico – a relativa coordenação das ações de produção do espaço na forma de estruturas rígidas, artificiais, sobre a geografia natural –, a cidade sendo uma das formas, a forma mais adaptada à complexidade das interações e da divisão do trabalho. São estruturas carregadas de relação com a prática, seus nós ou locais de atividade associados a ela. A estruturação do espaço é expressão de um vetor social: a força da busca da interação na vida em grupo, da *associação*⁶ da prática na continuidade do social, moldando *padrões* de distribuição de acessibilidades e atividades. Suas estruturas e diferenciação interna⁷ podem ser vistas como traços visíveis de irrupções sociais em uma forma material que dá suporte tanto a práticas quanto a socialidades particulares.

A cidade significa a possibilidade de realização de atos não por meio de um “mundo sem forma” ou de espacialidades fragmentadas ou labirínticas (que tornariam problemático o surgimento de práticas da comunicação mediadas pelo corpo e pela copresença),⁸ mas por meio de formas materiais, que consistem em si, de meios para a produção de socialidades. Encontramos interessantes evidências de que existe de fato uma relação (ou conjuntos de relações, parte contingentes, parte causais) entre uma esfera particular da prática (o trabalho e a produção) e estruturas urbanas em estudos em geografia econômica. Ao longo do século XX (de Alfred Weber a Paul Krugman – veja FUJITA; THISSE, 2009), a cidade foi definida como uma resposta ao problema da interação econômica e a possibilidade de dispersão total das unidades econômicas sobre a paisagem. Se esse é o caso, podemos relacionar tal argumento com as formações internas da cidade e sugerir uma continuidade entre esses processos: a extensão da lógica da distância vista na geografia econômica *para dentro* das cidades (NETTO, 2011; GOFFETE-NAGOT, 2000). O problema da distância não é suspenso uma vez no espaço intraurbano: a competição por localização das atividades

entre si, incluindo a residencial, buscando proximidade aos complementares, parece moldar a estrutura urbana também por dentro.⁹

A extensão dessa *lógica espacial* se repete analogamente para a *lógica da prática*. A produção de estruturas urbanas capazes de minimizar as distâncias entre atores potencialmente interativos não pode ter efeitos restritos a uma única esfera da prática: *os efeitos relacionais do espaço urbano sobre ações vão necessariamente além da ação econômica* – para possibilitar, mediar e articular todo tipo de ação e interação, mesmo não instrumental. Podemos ainda considerar que diferentes formações desses espaços carregariam diferentes potenciais de efeitos sobre a mutualidade e relacionalidade dos atos. Formações diferenciadas encontradas nas cidades – de centralidades a áreas de ruas intrincadas, pouco acessíveis ou distantes – podem intensificar ou limitar possibilidades da passagem dos atos individuais em sociais. Assim, a associação das práticas envolve a produção de formações espaciais profundamente impressas na própria materialidade do urbano como condição material para a emergência da comunicação mediada pelo corpo. Espacialidades urbanas têm o efeito e o papel histórico de estimular (ou seu contrário) as possibilidades de comunicação, de forma a incluir tanto níveis de *contingência* quanto de *causalidade* que são inerentes na geração de encontros e na produção de laços e socialidades.

Mas como a prática social emerge através do espaço? Como o espaço pode ser parte das trocas comunicativas que constituem a associação? O ato não é um fenômeno isolado, com uma existência independente, sem conexões com os seus arredores. Sua referencialidade intrínseca como ato-no-mundo o conecta imediatamente a seus efeitos (lembramos que a realização do ato implica que “algo muda no mundo”), a seu contexto (atos emergem através de espaços e lugares) e a outros atos, seus resultados e lugares (a associação do ato implica conexões no

⁶ Uso o termo “associação” inspirado – ainda que sem aderir à sua epistemologia – em Latour (2004). Discuto mais em detalhe o papel do espaço na associação dos atos, e as condições cognitivas e práticas desse papel, em Netto (2008).

⁷ Há dificuldade em imaginar como atos de produção do espaço gerariam espacialidades complexas, incluindo aquelas que parecem evadir qualquer estrutura (e é preciso distinguir “estrutura” de “ordem” e incorporar “contingência” e “jogo” no conceito de estrutura – veja DERRIDA, 2001).

⁸ Esse argumento é facilmente usado por aqueles que reificam o espaço digital das comunicações como razão para a obsolescência dos espaços urbanos – esquecendo que foi exatamente a densidade de processos comunicativos presenciais no urbano o vetor do desenvolvimento tecnológico que nos deu as tecnologias da comunicação a distância.

⁹ Em discussão com Romulo Krafta. A colocação expressa a visão do autor.

tempo e no espaço). O espaço urbano também não pode ser experienciado de forma isolada, nem pode encontrar uma existência independente, ou ter efeitos apenas sobre si mesmo. Enquanto nossas práticas estiverem relacionadas (ou seja, produzidas por meio de continuidades e *referências* a práticas anteriores, em curso ou futuras, e a seus contextos, incorporando ainda seus resultados), seus espaços tomarão parte nessas conexões referenciais. Essas conexões são fundamentalmente significados compartilhados, produzidos em práticas¹⁰ e carregados em espaços urbanos. Em outras palavras, uma parte substancial da “relacionalidade inerente” da prática é realizada por meio de *significados* construídos por meio de referências entre a prática e o espaço – digamos, acessar o lugar de trabalho para desempenhar atividades cooperadamente, buscar um serviço em particular em certa rua da cidade e lá se conectar a ações em andamento, ou encontrar amigos em um bar. A associação comunicativa da prática requer que atores experimentem relações quando atuam: se atores devem atuar socialmente, se o ato social é uma construção comunicativa, e se conexões referenciais incluem uma dimensão tanto semântica quanto material, os atores devem se relacionar semanticamente aos contextos espaciais quando atuam (NETTO, 2008).

Entretanto, essa descrição da prática e do espaço como mutuamente referenciais tem um caráter geral. Como tais conexões referenciais se materializam no cotidiano? Há diferentes lugares desse espaço referencial na associação da prática. (i) Há a apropriação do *espaço como fonte de informação*¹¹ para a prática, uma forma de conhecimento sobre a cidade, seu tecido social, e seu funcionamento – uma maneira do mundo social se apresentar a si mesmo. Participamos de uma situação social se sabemos que ela ocorre (ou possivelmente ocorre) em um determinado lugar. Somos guiados àquele lugar pelo seu significado, isto é, pela compreensão do seu conteúdo social como contexto de determinados atos. Ao conhecer a cidade e suas estruturas referenciais, podemos antecipar as possibilidades de encontrar socialidades. (ii) Adiante, há a *apropriação do espaço no momento de interação* com atores copresentes.

O espaço pode ser visto como um meio ambíguo – material e semântico – para o surgimento da comunicação. Esse espaço semantizado é resultado da associação do ato; é sinal de que o espaço participou na passagem entre atos *individuais* para atos *sociais*, e teve efeitos referenciais sobre o ato no momento da sua comunicação ou transmissão de informação que ocorre no evento e no lugar. (iii) Por fim, esse espaço semantizado se torna parte das *conexões práticas e informacionais entre atos ou eventos* em andamento ou a serem produzidos mesmo que em outros tempos e lugares. Trata-se da formação de redes de comunicação para além das bordas temporal e espacial do evento, quando atores interagem com atores ausentes por meio de comunicação a distância (pela troca de objetos, acessando textos, hipertextos com outros atores em outros lugares, ou por dispositivos móveis). Esse terceiro momento leva à *formação de complexos de ação*, e inclui o espaço como mediação e articulação na produção de uma forma altamente efêmera de estrutura social – uma forma de estrutura que constitui todas as demais: a emergência de sistemas sociais como fenômenos comunicativos.¹² Em outras palavras, nos relacionamos com contextos espaciais para que os efeitos de nossas práticas possam se relacionar por meio deles. Grande parte das conexões entre nossas práticas e seus efeitos (e até recentemente, virtualmente, toda prática) se dá por meio do espaço moldado artificialmente. Essa relação simples é essencial para a reprodução social. O espaço urbano é um caminho-chave para o surgimento da prática comunicativa. Essa é a ideia central da associação da prática por meio do “espaço referencial”, a relação indissociável entre prática e espaço como construção – e o lugar que o espaço ocupa na produção de canais de referências que ligam os nossos atos e seus resultados a seus contextos e meios de realização.

Espaços digitais, hipermodernidade e a materialização da prática

A noção de “ciberespaço” ou espaços digitais tem ganhado considerável corréncia, mas do que consiste exatamente? Entre os principais elementos da

¹⁰ A ideia de significado como efeito da prática é derivada de Wittgenstein (1953).

¹¹ Como exemplos da visão do espaço como informação, veja Portugali e Casakin (2003) e Faria e Krafta (2003).

¹² Derivo a ideia de estruturas sociais como efeitos comunicativos de Luhmann (1995).

mudança que vivemos, temos o crescente uso de computadores na realização das nossas práticas e na sua operacionalização, associado ao nosso envolvimento progressivo com signos e conteúdos simbólicos na contínua produção de informação (a “informatização” da prática), e a nossa imersão em comunicações permitida por novas tecnologias. Sob um ponto de vista funcional, tais tecnologias têm levado ao aumento da velocidade e da precisão de ações e interações, e do controle de seus resultados. Em outras palavras, práticas antes realizadas no meio físico da interação presencial e projetadas no registro analógico do signo fisicamente impresso passam a ser realizadas na *interface* técnica com meios eletrônicos. Seus produtos perdem tangibilidade, recodificados na aparente imaterialidade do elétron e representados, formas e símbolos, como código de máquina. Eles têm sua *rematerialização* no mundo invisível e impalpável do *bit*. O uso de computadores envolve e absorve nossas práticas – torna o “mundo digital do *bit*” dentro de computadores sua própria projeção, o meio para a materialização de seus resultados. Lança nossas práticas em uma espécie de *terceira natureza* – para além da primeira, ecossistêmica, e da segunda natureza já artificial, urbana.

Esse senso de invisibilização parcial das operações e dos produtos da prática mediada pelas tecnologias digitais é ampliado ainda por outro aspecto peculiar. Textos e imagens ganham a possibilidade de mover-se e replicar-se infinitamente, rematerializando-se instantaneamente em qualquer lugar. Os efeitos de nossas ações passam a poder viajar sem o suporte material do artefato físico, e a atingir pessoas que nunca vimos ou vamos ver. Esse ambiente é constituído pela aparente onipresença do *bit* e assume a forma histórica de uma *inexorabilidade da imersão e conversão da prática ao digital*; parafraseando ironicamente Kundera, na “insustentável leveza do *bit*” exponenciada pela possibilidade de emitirmos os produtos de nossas ações, já digitalizados no fluxo imponderável de bits eletrônicos, a qualquer lugar. Tal ambiente encontra uma forma quase física – ou certamente uma conotação física em nossa imaginação, já que não podemos imaginar todas as suas ramificações, ou onde seus nós realmente se encontram: a *rede eletrônica* que conecta computadores e a todos aqueles que têm condições

de usá-los. A rede passa a ser outro lugar (todo e nenhum lugar, como diria Bill Mitchell), outro ambiente possível. *Socialidades alcançáveis ao toque do mouse*. Práticas produzidas à distância passam a constituir-se nos caminhos dessa rede virtualmente infinita.

Esse ambiente *ressignifica*, por puro contraste, nossa presença no concreto, na segunda e primeira naturezas – *ressignificação* induzida pela possibilidade do mergulho em textos e imagens que estão em nenhum lugar, mas parecem acessíveis em qualquer lugar desse terceiro ambiente onde a prática parece imergir. Essa imersão sob forma da desmaterialização dos efeitos das nossas ações e sua rematerialização na forma do *bit* demanda um *reposicionamento* cognitivo a respeito da parcela concreta da nossa prática espacial, ao alcance do corpo, face à sua desmaterialização parcial e sua ampliada “transpacialidade” – a ruptura com a extensão e contiguidade do espaço como tecido aderente ao movimento do corpo e à interação. A relação entre espaço e corpo e o *status* da prática nessa nova condição ontológica ainda são tensionados por uma aceleração da ruptura histórica com a dependência da tangibilidade e da presença. Tais rupturas exigem do sujeito, inconscientemente ou não, uma redefinição da sua ação e suas possibilidades em face da novidade da conversão dos seus efeitos em virtual, invisível conectividade.

O encontro entre prática e as tecnologias e espaços do *bit* apresenta-se ao sujeito, em sua extensão e consequências, como uma *virtualização crescente do mundo*. A ação não se torna virtual no sentido de menos real, mas no sentido de tornar-se parcialmente invisível, imponderável, dado que grande parte do “mundo ao alcance”¹³ é substancialmente produzida, associada, vivida em um mundo cujas tramas se tornam crescentemente digitalizadas. Esse novo *status* da espacialidade e temporalidade da prática e sua nova conectividade é parte da dificuldade em entender as mudanças que nossa cultura experimenta. Epistemologicamente, essa complexidade foi prenunciada na ideia de *pós-modernidade*: a modernidade em crise e a ruptura, nos anos 1960 em diante, com a visão moderna de mundo – teleológica, evolutiva: tempos de relativização da centralidade da razão, das verdades, em que um senso de ordem é substituído pela aceitação da instabilidade, ausência de centros, questionamento de estruturas e dualismos

¹³ Expressão de Schütz e Luckmann (1973).

(DERRIDA, 2001; BAUMAN, 1992). Entretanto, muitos acreditam que a modernidade não foi superada e, em vez de entrarmos em tempos verdadeiramente pós-modernos, estamos vivendo uma *aceleração* da experiência moderna via tecnologia: uma *hipermodernidade* (LIPOVETSKY, 2004; GIDDENS, 1990; BAUMAN, 2001). Assim, os valores modernos não se esvaem completamente, mas assumem formas mais aprofundadas em certos aspectos, ainda que fundamentalmente levados a absorver o problema da instabilidade e flexibilidade em relações e estruturas sociais, e à posição de reflexividade crescente no plano do sujeito (BECK, 1992). A hipermodernidade absorve essa leitura das instabilidades não como necessidade epistemológica, mas como processos e eventos “gritando” no mundo aí fora: na economia globalizada e sincronizada em “tempo real” por tecnologias de informatização da produção em redes de geometria (geopolítica) flexível; no regime de acumulação especulativa financeira e o cassino de apostas global, em que eventos em Wall Street repercutem em demissões em cidades do interior do Sul do Brasil; na crescente mobilidade de pessoas e objetos (URRY, 2007); nas comunicações eletrônicas que mudam formas de socialização e formação de redes sociais; e na instabilidade a que tudo isso parece jogar o sujeito.¹⁴

Quais seriam os espaços da hipermodernidade? Espaços híbridos de fragmentação e conectividade, pontes entre lugares concretos e a “nuvem” flutuando eletronicamente – mesmo que em um *hardware* das redes físicas e seus *hubs* e provedores aparentemente cada vez menos localizáveis fisicamente?¹⁵ Tal rede eletrônica, popularizada na introdução da

internet, vai sendo progressivamente associada à outra: as *redes telemáticas*¹⁶ ou de comunicação móvel a distância, que se popularizam e evoluem em novas tecnologias, exponenciando a possibilidade de comunicação com a mobilidade das transmissões. Presenciamos agora novo momento de exponenciação comunicativa, quando temos a *convergência* dessas duas redes via tecnologias móveis, com celulares praticamente onipresentes e progressivamente conectados a *world wide web*, junto a outros dispositivos portáteis, como *palm* e *laptops*, redes de internet sem fio *wi-fi* e redes de curto alcance como o *bluetooth*.¹⁷ Tais redes e dispositivos consistem de novas mídias de “função pós-massiva” (LE MOS, 2010) em crescente interseção, permitindo a emissão de *informação bilateral*, ou seja, *comunicação efetiva e em movimento*: a passagem da interface estática dos computadores ou nós fixos da rede digital às interfaces ou nós móveis dos celulares e outros dispositivos portáteis com acesso à internet (SILVA, 2006). O ciberespaço ganha mais trânsito nas ruas envolvendo usuários em um ambiente generalizado de conexão (LE MOS, 2010). A “antropomorfia dos dispositivos móveis” e redes de comunicação tem penetrado em virtualmente todos os campos da prática, gerando novas condições ontológicas associadas à mobilidade (SANTAELLA, 2010).¹⁸

Não apenas a mobilidade, mas sua relação com outros meios de associação transpacial da prática e a desmaterialização e rematerialização dos efeitos da prática, transmissíveis e replicáveis transpacialmente, constroem propriedades ontológicas de *multiplicidade* e *simultaneidade* de atos e eventos. Vivemos a materialização da “simultaneidade de eventos”

¹⁴ Em discussão com Frederico de Holanda. A posição expressada é a do autor.

¹⁵ A localização dos centros de *hardware* que suportam os lugares eletrônicos dos sites vem se tornando cada vez menos relevante quando a informação é progressivamente mantida e armazenada em circulação constante.

¹⁶ Veja Lemos (2010).

¹⁷ *A presença do ciberespaço*: no final de 2010, 2 bilhões de pessoas tinham acesso à internet, das quais 1,6 bilhão se conectaram de suas casas – equivalente a 30% dos habitantes do mundo; 71% da população nos países desenvolvidos, 9,6% na África (ESTADÃO..., 2010). Fontes digitais estão tomando o lugar da TV, do rádio e dos jornais como principal fonte de informação para 61% da população *online* em países pesquisados (BBC BRASIL, 2010); 350 milhões de pessoas enviam mensagens todos os dias pelo Facebook (TECH CRUNCH, 2010); 82% das crianças em dez países ocidentais pesquisados têm pegada digital antes dos dois anos de idade (MILIAN, 2010). *A presença da comunicação móvel*: há 5,3 bilhões de assinaturas de telefones celulares no mundo, estimados no final 2010. Quase 200 mil mensagens de celular são enviadas a cada segundo. O acesso às redes de celular está disponível para nove em cada dez habitantes, e para oito em cada dez moradores das zonas rurais (ESTADÃO, 2010). No Brasil, em 2009, havia 173,9 milhões acessos ao serviço móvel pessoal (SMP) (ANATEL, 2010).

¹⁸ Outro aspecto potencialmente poderoso da convergência de tecnologias e de espaços em uma hibridização efetiva em termos de percepção é a introdução de tecnologias de *realidade aumentada*. Dispositivos adicionam “*layers* virtuais” ao percebido (com o uso de dispositivos, como lentes, ainda experimentais). Durante o uso, criam-se camadas com informações distintas, tencionando a realidade percebida em comum.

e a “simultaneidade de fluxos” de Bergson, a aparente possibilidade de “abarcar dos eventos numa única percepção instantânea”¹⁹ na conexão quase plena a lugares, socialidades e sujeitos em escala global. Na compressão do tempo e espaço²⁰ da hipermodernidade, experimentamos a impressão de onipresença da propriedade “conectividade” para além da contiguidade espacial. O lugar ontológico que a contiguidade ocupava em nossas leituras da realidade social e material é substituído pela afirmação de uma *topologia para além da concretude material*, só possível pela ruptura com a continuidade absoluta do espaço e capaz de alinhar em nossas cognições os eventos distribuídos globalmente em uma única temporalidade.

A canalização da prática nessa topologia de conexões em atalhos da materialidade concreta das regiões leva à instalação definitiva do que podemos chamar *entendimento topológico do mundo*, em que socialidades, lugares e sujeitos parecem subitamente estar ao alcance. A ontologia de um mundo social e geográfico se torna penetrável e mais inteligível em sua estrutura e aparente totalidade por meio do conceito de “rede”, popularizado e tornado paradigma, como se o grafo que representa a imensa rede social planetária fosse mais e mais plano (HILLIER; NETTO, 2002). Uma ontologia em que a historicidade ou cai ou é invisibilizada pela impressão de *eterno presente* trazida pela complexa simultaneidade de agências e situações emergindo globalmente, todo o tempo – visíveis e registráveis como nunca por câmeras e dispositivos de comunicação carregados no corpo.

Ainda assim, e exatamente por isso, somos afetados pela exponenciação de uma quarta propriedade: a *complexidade*, tanto do ponto de vista da *informação em volumes impossíveis de serem processados* (páginas e hipertextos que nunca serão conhecidos, os conhecidos, nunca esgotados; atores próximos, mas que não podem ser conhecidos suficientemente) quanto da *escolha nessa infinidade de opções de signos, significados, atos, atores*, esse segundo aspecto visível ao utilizarmos o conceito de complexidade de Luhmann (1995). Investigaremos a seguir um *papel do espaço urbano potencialmente renovado – paradoxalmente – por essa crescente complexificação do mundo social*.

Vimos argumentações a respeito da natureza e o papel das redes digitais e telemáticas de comunicação

transpacial; das redes de espaços urbanos como sistemas referenciais para a emergência presencial da prática como prática social; e do “social” como sistema de práticas. Vejamos como a prática se desenrola nessas duas redes de materialidades inteiramente distintas.

Desdobramentos: as tramas da prática nas redes urbanas e digitais

Qual a ligação das práticas que realizamos sob forma de processos urbanos ao ciberespaço? Ambos os “espaços” tornam-se parte das conexões entre atos e são meios fundamentais de comunicação – meios de tornar socialidades, enquanto tramas de atos, conhecíveis e interativas. Vivemos essas relações como *naturalizadas*. Mas pensemos de modo contrafactual por um momento, de modo a enxergar, como diria Luhmann, “o real como improvável” – as condições dessa naturalização. Dado que a prática humana tem ganhado complexidade ao bifurcar-se nesses dois planos distintos, ainda que interligados, um dos problemas é saber *como essas interligações são produzidas e estruturadas* – o modo como essas diferentes redes se reúnem na prática; uma prática que rapidamente se molda a essas passagens: a possibilidade de desdobramento em conectividades múltiplas. Uma segunda questão é entender o que impede que tal sistema de práticas ganhe complexidade a ponto de desconectar-se, em possíveis frestas em suas tramas, por perda ou dificuldade na busca e seleção de informação e de interlocutores em cooperação. Gostaria de propor cinco aspectos-chave do que chamo “passagem” (*shifting*) da prática entre redes materiais distintas, possivelmente assimétricas, de ação e comunicação, e do complexo “entrelace” (*coupling*) dessas redes na prática humana atual.

1) Em termos *cognitivos*, tais entrelaces envolvem a forma como os significados dos produtos das ações e mensagens materializados digitalmente ou telematicamente e em circulação se conectam ao concreto. Sugiro que a passagem entre atos materializados no espaço urbano e o ciberespaço ocorre a partir de *referências mútuas* entre significados produzidos no ato presencial e em seus contextos

¹⁹ Veja Bergson (2006, p. 65).

²⁰ Expressão de Harvey (1992).

urbanos e os significados pulsando em lugares eletrônicos, com os quais a conexão ou comunicação se constitui. O signo pode viajar onde as referências o levarem e o conectarem momentaneamente; onde seus significados fizerem sentido; isto é, onde significados produzidos no lugar urbano complementarem os sentidos dos signos emitidos pelo ciberespaço. Atuar plugado à rede transpacial significa bifurcar o ato e replicar seus significados (inicialmente ancorados em seu contexto espacial) em direção aos significados que nos chegam de outros lugares, e que nos conectam a atores não presentes. Essa conexão ocorre entre significados em circulação digital ou telemática e os significados produzidos por práticas no espaço urbano. Como vimos acima, o espaço urbano vai além de mera estrutura física: ele é um sistema de referências cujos lugares trazem embutidos significados que sugerem conexões latentes a práticas.

Essas conexões entre significados produzidos pela prática no espaço urbano – e nele reconhecidos – fazem a conexão com significados de práticas produzidas em diferentes lugares físicos, ligados pelo ciberespaço. *Significados produzidos pela nossa atuação no espaço urbano são pontes referenciais entre as tramas de atos em diferentes materialidades* – são a substância da conectividade que dá sentido aos desdobramentos da prática em diferentes espaços. Garantem, assim, as continuidades simbólicas e informacionais entre atos atuados no espaço urbano e sua transmissão e replicação via ciberespaço e seu tecido quase infinito. Na cognição, essa ligação ocorre em *flashes*, quando participamos de uma atividade ou situação social definida nas bordas do lugar ou da arquitetura (NETTO, 2005), e os significados contextuais ali produzidos pela prática e comunicação definem o escopo de atenções aos significados e mensagens e eventos acessados digitalmente ou telematicamente. Mas como tal ligação ocorre na passagem da cognição para a prática?

2) Em termos *práticos*, o entrelace envolve o modo como convertemos essa continuidade cognitiva, construída por referências compartilhadas entre atores, lugares urbanos e eletrônicos e transmitida via ciberespaço, em sequências de ações realizadas nesses planos distintos. Tais linhas de ações abrem-se

como dobras nesses espaços para em seguida convergirem, retornando ao concreto do lugar e do corpo e das tramas localizadas dos atos. A ação converte sinais e imagens via *mouse*, teclado ou tela, traduzidos no *bit* invisível, emitido e replicável infinitamente. Os resultados ou produtos do ato convertido no fluxo do *bit* ou da onda, transmitidos via redes digitais ou telemáticas, são então reconvertidos em palavras e imagens em outro(s) lugar(es), onde, uma vez reconhecidos seus significados, podem interferir e tematizar a ação de outros atores. Ligados novamente aos significados desse novo lugar ou lugares e a redes de atos contínuos, presenciais, e transformados por tais atos, podem ser outra vez levados eletronicamente ou telematicamente a outros lugares. A referencialidade do significado estrutura tais conexões e permite a prática desdobrar-se com coerência em múltiplos lugares e redes de comunicação (Figura 1).

3) As novas tecnologias da informação têm o efeito de gerar uma crescente complexificação do mundo social: informação em volumes impossíveis de serem processados (CASTELLS, 1996) e o problema da escolha em uma infinidade de opções de signos e significados, atos e interlocutores (LUHMANN, 1995). Em outras palavras, *o aumento das possibilidades de ação e interação e a ruptura progressiva com a extensão do espaço físico criaram um problema na reprodução da prática*: como encontrar certo objeto ou produto, informação ou interlocutor em situações de opções aparentemente infinitas? Somos obrigados a filtrar e discriminar entre uma quantidade enorme de opções. O caso do comércio é um notável exemplo.²¹ No tradicional sistema de varejo, em que os clientes compram produtos em lojas físicas, o volume de escolha é limitado pela quantidade de espaço nas prateleiras disponíveis. *Sites* de comércio eletrônico, entretanto, oferecem seleções que nunca podem ser totalmente conhecidas. Ferramentas e *sites* de busca são um modo de converter essa “escolha ilimitada” em uma lista gerenciável de recomendações. Nesse contexto, a escolha limitada à escala local torna mais fácil o processo de decisão (FLORIDA et al., 2010). Quero sugerir que, talvez paradoxalmente, *o papel do espaço urbano é potencialmente renovado por essa exponenciação da complexidade*.

²¹ Pesquisas recentes têm enfatizado a forma de contato e difusão de informação face a face entre produtores e consumidores. Veja Florida et al. (2010).

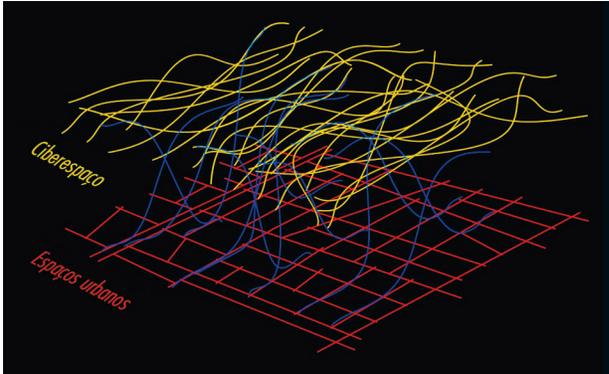


Figura 1 - Passagens e bifurcações da prática (em azul) entre o ciberespaço (eletrônico, telemático, transpacial) e o espaço urbano (concreto, extenso, corpóreo) por meio de ligações referenciais entre ato, contexto, mensagem e fluxo

Inicialmente, vejamos a cidade como forma de projeção de práticas possíveis ou em andamento, as quais promovem interações e, portanto, a produção de significados (em objetos, fala, textos, hipertextos), *aumentando a complexidade social*.²² Simultaneamente, o espaço urbano é um modo de informação social que potencializa a capacidade dos atores de conhecer e se engajar em atos que constituem o mundo social. A produção do espaço como a localização dos atores e das possibilidades de materialização das suas relações (interligações intraurbana e urbano-regional) consiste de um arranjo e uma “pré-seleção” de situações de ação, uma forma de interconexão dos atos produzida para convergir fluxos materiais e imateriais. Cidades apresentam-se à prática como uma constelação de agências possíveis dispostas espacialmente ao longo de estruturas urbanas. A sua materialização concreta, sob forma da produção e ocupação de espaços e a acirrada competição por localização e proximidade a potenciais interlocutores, emerge como padrões de distribuição de atividades mais facilmente reconhecíveis e apropriáveis. Sugiro que, nesse momento – no momento da estruturação urbana – cidades constituem uma poderosa forma cotidiana (cognitiva, prática) de *redução da complexidade social*.

As cidades são parte fundamental do ciclo de autorreferencial na continuidade do social: uma forma

de *projetar, aumentar e reduzir a complexidade social*, paradoxalmente, ao mesmo tempo. Esse ciclo – que culmina na redução de complexidade social pela produção e apropriação do espaço urbano – assume uma *forma autorreferencial que cristaliza a cidade como contrapartida material ativa na reprodução social*. O espaço se torna uma forma de tornar o relacionamento entre atos, atores e sua produção suficientemente não problemática.

4) Imensamente complexos, substancialmente invisíveis, nunca totalmente conhecíveis, os fluxos de conexões referenciais entre atos e seus efeitos – mesmo digitalizados – podem ser adentrados, filtrados e referidos por meio do espaço urbano. Eles são substancialmente produzidos e estruturados por meio dos significados e das estruturas das espacialidades humanas. Redes de ações de comunicação materializam-se por meio de referências cognitivas (por exemplo, quando antecipamos mentalmente nossa participação em um determinado evento e lugar) e atuação prática nesses espaços (quando os acessamos). Os dois espaços tornam-se sistemas mutuamente referenciados de comunicação e passagem para uma diversidade de socialidades e experiências, capazes de endereçar ora o presente lugar, ora outros, e relacionar significados, informações e artefatos neles produzidos ou encontrados. O ciberespaço pode ser visto como sistema de lugares eletrônicos (seus *sites* e ferramentas de informação e/ou interação social) análogos a lugares urbanos de *atividade*. Ainda, grande parte do ciberespaço consiste de fluxos – ou *movimento*. Como movimento, ele liga atos e transmite informação produzida localmente; como lugar eletrônico, disponibiliza informação ou torna-se lugar de trocas de mensagens de modo não presencial, incluindo o tempo real.

5) Chegamos finalmente ao *papel dos novos espaços eletrônicos – e seu impacto sobre o papel do espaço urbano – na prática da socialização*. William Gibson, o escritor de *Neuromancer*, disse recentemente: “nunca me interessei no Facebook ou MySpace; o ambiente parece excessivamente mediado verticalmente. Eles parecem com *shoppings centers* para mim. Mas o Twitter parece realmente a rua. Você

²² Nesta seção, exploro a brilhante e particular relação entre informação, complexidade, seleção e estruturação social de Niklas Luhmann (1995) como forma de explorar o lugar do espaço urbano em processos de reprodução social em face do desafio da *seleção*, entre crescentes possibilidades de ação e comunicação, durante a realização da própria ação, e em face da mobilidade de pessoas, informação e objetos (URRY, 2007).

pode esbarrar com qualquer pessoa no Twitter”.²³ O paralelo entre espaços urbano e digital, na observação de Gibson sobre qual ferramenta ou lugar eletrônico de socialização se aproximaria mais das propriedades da rua, ilustra tanto a posição paradigmática do espaço público quanto as diferenças e limitações de diferentes lugares eletrônicos. A rua é o espaço onde os diferentes podem estar copresentes de modo *não programado*. As chances de comunicação efetiva são pequenas, mas é nesse encontro fortuito e volátil que se constrói a possibilidade de reconhecer o Outro, em suas idiossincrasias, e o social como tecido complexo de identidades e campos sociais.²⁴ Estruturalmente, sistemas sociais precisam tanto da *aleatoriedade do contato* na geração de relações sociais quanto da *recursividade do encontro* entre conhecidos e das práticas da conservação de laços sociais como bases para sua própria reprodução. Redes sociais eletrônicas e de comunicação móvel, até aqui, parecem oferecer menos espaços para a aleatoriedade da copresença. Ao tenderem a ser usadas na interação e reprodução de laços entre membros de grupos de indivíduos pré-identificados e selecionados, atuam como forças de afirmação de campos sociais mais que de integração transversal dos campos.

Esses são *riscos de dissociação e tendências de desagregação parcial do social em campos, devendo ser compensados* – dado que sua eliminação é impossível – por meio da sua contraposição por outros processos de reconhecimento do Outro e de possível interação (NETTO, 2010). A interação é voltada para o aspecto mais fundamental da proximidade: a comunicação face a face. E a cidade é um rico caldeirão de interações, informações e trocas imprevisíveis, o qual não pode ser facilmente replicado em espaços eletrônicos ou tecnologias da comunicação a distância (NETTO, 2011). Por outro lado, a convergência de tecnologias da comunicação transpacial tem propiciado uma conexão mais intensa com o espaço urbano.²⁵

Conclusões: as diferentes materialidades da prática e a estrutura ontológica do mundo social

Esta reflexão (certamente de caráter exploratório)²⁶ deve finalmente sumarizar os pontos de origem das passagens e entrelaces, bifurcações e desdobramentos da prática na sua rematerialização nos espaços de informação e comunicação telemáticas e eletrônicas, e de recursivo retorno ao espaço urbano – aos lugares da presença, da corporeidade e comunicação face a face. As tramas de ações nas duas redes de materialidade têm suas origens e retornos assegurados na conectividade latente no significado referencial, na corporeidade do ato e na primazia da situação ontológica do sujeito atuante e seu lugar.

i) *A referencialidade do significado*. O conceito de significado referencial²⁷ permite jogar luz nas conexões cognitivas e práticas entre ato e espaço. Sugere que respostas para tais perguntas poderão ser encontradas mais facilmente se entendermos os traços materiais das relações entre nossos atos cotidianos – traços ativos no exato momento da associação da prática e que constituem a possibilidade de qualquer associação.

ii) *O retorno ao corpo e à presença*. Longe de reificações de corpos se transformando em ciborgues ou conjuntos de extensões e interconexões de sistemas (HARAWAY, 1991), a materialidade última do mundo vivido se relaciona ao corpo e à presença. Em uma era em que sistemas de espaços diferenciais se sobrepõem e interpenetram, “é a presença do corpo com seu aparato motor, perceptivo e cognitivo que comanda” (SANTAELLA, 2010).

iii) *A centralidade inescapável do sujeito e seu lugar*. Vimos que o ciberespaço oferece novas condições para a prática e sua conectividade. Retornemos então a uma das perguntas iniciais: como o ciberespaço afeta o espaço urbano? Novas formas de

²³ The Brooks Review (2010).

²⁴ O Facebook certamente não é como a rua, dado que as redes sociais se formam ou por contatos recursivos fora do espaço eletrônico, ou por afinidades e interesses bastante dirigidos, compartilhados. Já o fascinante Twitter é certamente mais aberto e tem outro papel que não o da rede social: é uma rede de troca de informação entre pares. Ainda assim, as relações de troca de mensagens se dão por afinidades, possivelmente com menos condição de reconhecer identidades.

²⁵ Tecnologias da comunicação móvel e interfaces com sistemas de posicionamento GPS permitem a marcação de posição geográfica transmitida em tempo real a servidores da rede e listagem de participantes próximos, potencializando pontos de encontro e socialização. Ações grupais são assim alimentadas pela conexão móvel (SANTAELLA, 2010).

²⁶ Em concordância com a observação do revisor anônimo de *Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana*.

²⁷ Derivado de Luhmann (1995).

apropriação do espaço urbano têm sido afirmadas – tais como as “funções locativas” –, trazendo “novas dimensões do uso e da criação de sentido nos espaços urbanos” (LEMOS, 2010, p. 160). Redes telemáticas e práticas informacionais redefiniriam e reconfigurariam o espaço urbano. Entretanto, temos que evitar reificações. Os significados produzidos no interstício e nos espaços híbridos do “território informacional”, pelas emissões de signos circunscritos por espaços concretos, não são *inscritos* no espaço; eles não permanecem no lugar. Essas ressignificações são ou *voláteis*, ativas no lugar durante tempo limitado do acesso à informação e enquanto a emissão perdurar, ou *fechadas*, acessíveis apenas para os que detêm as tecnologias ou fazem parte das redes que a compartilham. Diferentemente dos significados impressos pela prática no espaço urbano, reconhecíveis por aqueles que se apropriam do lugar durante uma situação social, há uma *fragilidade inerente em tais produções de sentido*. As ações realizadas telematicamente não alteram a configuração dos espaços urbanos – sua estrutura material e simbólica –, mas podem potencializar o papel social (simbólico e prático) de seus lugares ao conferir significados em experiências mediadas e momentâneas. Definem, contudo, um retorno ao lugar – que segue como nodalidade central da prática. De modo análogo, teorias como a Actor-Network Theory (LATOUR, 2004) afirmam corretamente a importância das tecnologias como *atores* sociais, mas ignoram sua condição ontológica como ferramentas não autônomas. Até a invenção da inteligência artificial, o sujeito atuante seguirá com sua primazia na produção da informação e das tecnologias – e do mundo como se apresenta.

Vimos que redes digitais conectadas a cada computador permitem a transmissão bilateral, verdadeiramente comunicacional, que rompe com a dependência histórica da (a) presença do corpo, e (b) proximidade ou contiguidade espacial na comunicação. Essa dupla ruptura representa a *ampliação exponencial das possibilidades da conexão e interação, bem como da complexidade e do alcance das redes de ações*. O tecido do social se estrutura, manifesta, expande e reproduz por meio dessas redes desde a introdução da comunicação a distância até a sua digitalização via tecnologias (quando peças complexas de informação passam a ser transmissíveis mantendo sua estrutura intacta e reproduzível infinitamente). Vimos, ainda,

o “fim da cidade” como uma discussão *passé*, ao percebermos a cidade como ancoragem viva tanto da produção tecnológica quanto da centralidade fenomenológica do sujeito e do ato, do corpo e da espacialidade na experiência humana. Finalmente, temos a centralidade da comunicação na reprodução social e sua condição material. Nossos atos se associam por meio de comunicações, e a comunicação presencial não pode ser plenamente substituída pela interação mediada tecnologicamente: a *aleatoriedade da interação* entre agentes diferentes e a *diversidade na troca de informações* não é ainda facilmente replicável nas redes digitais e telemáticas (SASSEN, 2001; GLAESER, 2010).

Essas descrições introdutórias endereçam a questão fundamental do que exatamente mantém a realidade material e social minimamente integrada. Sistemas sociais formam um emaranhado virtualmente infinito de conexões práticas mantidas por tramas simbólicas, materiais e tecnológicas. Tais tramas incluem a linguagem e a circulação dos discursos e o que Parsons (1956) chamava *steering media* (como dinheiro e poder). Elas fornecem a infraestrutura ontológica que conecta atos – por meio dos quais os produtos e efeitos de atos são trocados, transmitidos, difundidos a outros atores e absorvidos e sintetizados em novos atos. As redes eletrônicas e telemáticas e sua convergência progressiva são adições consideráveis nas possibilidades de estruturação e integração de sistemas sociais – como atalhos na extensão do espaço concreto. Elas deslocam o espaço urbano de seu papel histórico como único meio físico de integração – um deslocamento cuja importância dificilmente pode ser superestimada. Quando há uma multiplicação de meios materiais de integração ou conexão, o papel privilegiado do espaço urbano na prática se reduz. O espaço perde o papel central como modo material de integração social. Tais redes são, entretanto, dependentes de subsistemas de energia e de extenso *hardware*, que lhe conferem um *status* de relativa fragilidade material. A essa dependência podemos adicionar as condições infraestruturais e comunicativas – tipicamente urbanas – para a produção da informação (SASSEN, 2001), um sistema de pontos fixos e conexões a partir do qual o sistema altamente fluído do ciberespaço com seus *dots and hubs* são criados – e os locais a partir dos quais cada computador pessoal entra na Rede. A materialidade fugidia

desses fluxos segue dependente da rigidez do espaço, inclusive para sua produção.

Considerando a condição ontológica do ciberespaço, faz-se necessário um contraponto a suas extraordinárias propriedades: um contraponto capaz de (1) complementar e compensar a presença pervasiva, mas largamente invisível de suas tecnologias dependentes de sistemas de suporte; (2) um recurso material e significativo na gerência da complexidade crescente do social; (3) um meio para trazer aleatoriedade do encontro na geração de relações sociais quanto da recursividade do encontro. Assim, as espacialidades urbanas mantêm sua centralidade, como *locus* dos sujeitos, da comunicação mediada pelo corpo, da produção presencial de significados e informação, como caldeirão de interações alimentadas tanto por estruturas quanto por aleatoriedade – um modo de dar suporte à prática em tempos de crescente complexidade social e os problemas da escolha e conectividade. Em suma, temos sim um deslocamento do papel do espaço urbanizado como sistema material único em seu papel de integração do sistema social para o de um entre outros meios – contudo, com a incorporação de um novo papel ontológico: o de contraponto fundamental à elusividade e parcialidade das redes de comunicação transpaciais. O espaço digital certamente irá se estender e adentrar mais e mais o concreto, com a multiplicação dos tipos de redes, tecnologias e mídias cada vez mais baseadas na imaterialidade da onda – mas o fará em constante diálogo com o espaço urbano, em seu lugar único na reprodução e na estrutura ontológica da realidade social.

Agradecimentos

Este artigo foi inspirado pelos debates durante minha participação no evento “Lugares da Sociabilidade”, organizado por André Lemos (Grupo de Pesquisa em Cibercidades – GPC) e José Carlos Ribeiro (Grupo de Pesquisa Interações, Tecnologias Digitais e Sociedade – GITS), na Universidade Federal da Bahia (2010). Agradeço ainda a Frederico de Holanda e Romulo Krafta: argumentos que desenvolvi em nossas discussões terminaram por contribuir, silenciosamente, a este texto; Júlio Vargas, por sua crítica; e Lilian Laranja por sugestões sobre sua organização. Limitações restantes são, naturalmente, responsabilidade do autor.

Referências

- ANATEL. Disponível em: <
- BAUMAN, Z. **Intimations of postmodernity**. London: Routledge, 1992.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BBC BRASIL. **Brasileiros têm 2º maior n. de amigos em redes sociais, diz estudo**. 2010. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/10/101010_amigos_virtuais_pesquisa_rw.shtml?utm_source=twitterfeed&utm_medium=twitter>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- BECK, U. **Risk society**. London: Sage, 1992.
- BERGSON, H. **Duração e simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOYER, M. C. **Cybercities: visual perception in the age of electronic communication**. New York: Princeton Architectural Press, 1996.
- CASTELLS, M. **The information age: economy, society and culture the rise of the network society**. London: Blackwell, 1996. v. 1.
- CAIRNCROSS, F. **The death of distance: how the communications revolution will change our lives**. London: Texere, 2001.
- CRANG, M.; THRIFT, N. Introduction. In: CRANG, M.; THRIFT, N. (Org.). **Thinking space**. London: Routledge, 2000.
- DERRIDA, J. **Writing and difference**. London: Routledge, 2001. Originally published in 1967.
- ESTADÃO.COM.BR. **Quase 200 mil SMS são enviados a cada segundo**. 2010. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/quase-200-mil-sms-sao-enviados-a-cada-segundo/>>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- FARIA, A.; KRAFTA, R. Representing urban cognitive structure through spatial differentiation. In: HANSON, J. (Org.). **Proceedings of 4th space syntax international symposium**. London: UCL Press, 2003. p. 53, 1-18.
- FLORIDA, R. et al. The paradox of unlimited choice: place matters more than you think in e-commerce. **Insights**. Disponível em: <<http://martinprosperity.org/insights/insight/the-paradox-of-unlimited-choice>> University of Toronto>. 2010. Acesso em: 25 maio 2011.

- FUJITA, M.; THISSE, J-F. New economic geography: an appraisal on the occasion of Paul Krugman's 2008 Nobel Prize. **Regional Science and Urban Economics**, n. 39, p. 109-119, 2009.
- GIBSON, W. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1991. Originally published in 1984.
- GIDDENS, A. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.
- GLAESER, E. **The triumph of the city**: how our greatest invention makes us richer, smarter, greener, healthier and happier. New York: Penguin, 2010.
- GOFFETTE-NAGOT, F. Urban spread beyond the city edge. In: HURIOT, J-M; THISSE, J-F. (Ed.). **Economics of cities**: theoretical perspectives. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000. p. 318-340.
- HABERMAS, J. **The theory of communicative action**. Cambridge: Polity Press, 1984. v. 1.
- HALL, P. **Cities and civilization**: culture, innovation, and urban order. London: Phoenix Giant, 1998.
- HARAWAY, D. A cyborg manifesto: science, technology and socialist feminism in the late twentieth century. In: HARAWAY, D. **Simians, cyborgs and women**: the re-invention of nature. London: Free Association Books, 1991. p. 149-181.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HILLIER, B.; NETTO, V. Society seen through the prism of space: outline of a theory of society and space. **Urban Design International**, v. 7, p. 181-203, 2002.
- HUXLEY, A. **Brave New World**. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2005. Originally published in 1932.
- LATOURETTE, B. **Reassembling the social**: an introduction to Actor-Network Theory. Oxford: University Press, 2004.
- LEMOS, A. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 155-166, 2010.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LUHMANN, N. **Social systems**. Stanford: Stanford University Press, 1995. Originally published in 1984.
- MILIAN, M. **Study**: 82 percent of kids under 2 have an on-line presence. 2010. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2010/TECH/social.media/10/07/baby.pictures/index.html>>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- MITCHELL, W. **City of bits**: space, place, and the infobahn. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.
- O'BRIEN, R. **Global financial integration**: the end of geography. London: Clapham House, 1992.
- PARSONS, T. **Economy and society**: a study in the integration of economic and social theory. London: Routledge, 1956.
- PORTUGALI, J.; CASAKIN, H. Information communication and the design of cities. In: CONFERENCE ON CREATING COMMUNICATIONAL SPACES, 1., 2003, Edmonton. **Proceedings...** Edmonton: J Frescara, 2003.
- NETTO, V. M. Is architecture an active part of life? From the form-function paradigm to space as context to practice. **Arquiteturarevista**, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/gDhUZB>>. Acesso em: 21 set. 2010.
- NETTO, V. M. Practice, space, and the duality of meaning. **Environment and Planning. D, Society & Space**, v. 26, p. 359-379, 2008.
- NETTO, V. M. A urbanidade como devir do urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Enanparq, 2010.
- NETTO, V. M. Urbanization at the heart of the economy: the role of cities in economic development. **Cluster**, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/g9Xz7f>>. Acesso em: 21 set. 2010.
- SANTAELLA, L. Revisitando o corpo na era da mobilidade. In: JOSGRILBERG, F; LEMOS, A. (Org.). **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: Ed. da UFBA, 2010. p. 123-136.
- SASSEN, S. **The global city**. 2nd ed. Princeton: University Press, 2001. Originally published in 1991.
- SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, P. **The structures of the life-world**. Evanston: Northwestern University Press, 1973. v. 1. Originally published in 1959.
- SOJA, E. **Postmetropolis**: critical studies of cities and regions. Oxford: Blackwell, 2000.

SILVA, A. S. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In: ARAÚJO, D. C. (Org.). **Imagem (ir)realidade**: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 21-51.

STATE OF THE WORLD'S CITIES 2010/2011. **Urban trends**: urbanization and economic growth. Disponível em: <<http://www.unhabitat.org/documents/SOWC10/R7.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2010.

TECH CRUNCH. **Facebook**: 350M people using messaging; more than 4B messages sent daily. 2010. Disponível em: <<http://techcrunch.com/2010/11/15/facebook-350m-people-using-messaging-more-than-4b-messages-sent-daily/>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

THE BROOKS REVIEW. **Quote of the day**: William Gibson on Twitter. Disponível em: <<http://brooksreview.net/2010/11/gibson-qotd/>>. Acesso em: 8 nov. 2010.

TOWNSEND, A. **Wired/unwired**: the urban geography of digital networks. 2003. Disponível em: <<http://dspace.mit.edu/handle/1721.1/30041>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

URRY, J. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

VIRILIO, P. **Lost dimension**. New York: Semiotext(e), 1991.

WEBER, M. **Economy and society**. Berkeley: University of California Press, 1968. v. 1/2. Originally published in 1920.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical investigations**. London: Blackwell, 1953.

Recebido: 02/03/2011

Received: 03/02/2011

Aprovado: 06/05/2011

Approved: 05/06/2011